PODER E SINODALIDADE: UMA VISÃO A PARTIR DA PARÓQUIA

Drance Elias da Silva[1]

Resumo

Este artigo reflete sobre o exercício do poder na paróquia à luz da sinodalidade, propondo a superação de modelos centralizadores em favor de uma experiência comunitária participativa e servidora. Fundamenta-se no Concílio Vaticano II, no Sínodo 2023 e em autores como Buber, Comblin e Reinert. Conclui que a paróquia sinodal, como "comunidade de comunidades", exerce o poder como serviço, promove o protagonismo dos leigos e insere a Igreja nas questões sociais, assumindo sua vocação profética. A sinodalidade é estilo de vida eclesial que resgata o caminhar juntos na construção do Reino.

Palavras-chave: Sinodalidade. Paróquia. Comunidade. Poder-serviço. Participação.

1 INTRODUÇÃO

Uma paróquia não é apenas um território ou um espaço físico onde ocorrem encontros, reuniões e atividades comunitárias. Não é apenas expressão institucional, com sua dinâmica e forma de se organizar. Uma paróquia não é apenas estrutura e materialidade, nem sua visibilidade desde uma capela ou templo que se fez matriz. Um padre, mesmo que recém-ordenado, sabe que sua representação como referência hierárquica tem importância na organicidade dessa realidade. Isso está presente no imaginário dos católicos. A paróquia ocupada tem, assim, quem exerça uma função e, do ponto de vista eclesial, uma missão. Alguém é nomeado, e isso implicará um tempo de permanência. Portanto, a paróquia é tudo isso e se configura como um conjunto de elementos que se apresenta

[1] Pós-doutor pela Escola Superior de Teologia – RS (Faculdades EST), Doutor e Mestre em Sociologia (UFPE). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco. ORCID – https://orcid.org/0000-0002-6821-6997. E-mail: dranceelias1991@gmail.com

objetivamente. Em seu processo de feitura, o tempo responderá por sua dinâmica e pelo espírito sob o qual se ergue e se comunica.

2 SINODALIDADE, COMUNIDADE E PODER-SERVIÇO NA VIDA PAROQUIAL

No espírito de uma Igreja Sinodal[2], uma paróquia deve ter vida comunitária que se expressa como um espaço fundamental de experiência, pois se sabe que é na vida comunitária que se busca partilhar a prática social, os projetos, os fracassos, a afetividade, as diferenças e a esperança. A vida comunitária encoraja para a luta, para o compromisso efetivo com a transformação e, fundamentalmente, garante o espaço de celebração de todas as dimensões da vida. A vida comunitária é a vida nucleada e que se mantém pela força da criação e manutenção dos laços. Assim, a comunidade é o único lugar que faz lembrar nossas alianças. A vida eclesial dos fiéis numa paróquia se desenvolve sob a condição do associar-se e, portanto, do fazer alianças com base na memória de momentos fundamentais. Conforme Martin Buber (1987, p. 34), comunidade nos remete ao fortalecimento da vida:

> A comunidade que imaginamos é somente uma expressão de transbordante anseio pela vida em sua totalidade. Toda vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. A comunidade é fim e fonte de vida. Nossos sentimentos de vida, os que nos mostram o parentesco e a comunidade de toda a vida do mundo, não podem ser exercidos totalmente a não ser em comunidade. E, em uma comunidade nada podemos criar que não intensifique o poder, o sentido e o valor da vida. Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser. E temos o privilégio de tomar e oferecer a ambos de modo claro: a vida por anseio à vida, comunidade por anseio à comunidade.

Na perspectiva de uma comunidade religiosa e de sentido, a exemplo de uma comunidade cristã, se faz necessária que a paróquia seja uma "rede de comunidades capazes de se articular de tal modo que seus

[2] "A sinodalidade, [...] indica o específico modus vivendi et operandi da Igreja Povo de Deus que manifesta e realiza concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros em sua missão" (CNBB 48, n. 6).

membros vivam em comunhão como autênticos discípulos missionários de Jesus Cristo" (CNBB 100, n. 137). Para isso os bispos defendem que as paróquias sejam verdadeiras "comunidades de comunidades"[3].

A paróquia, como expressão de organização da vida da Igreja, deve ser também expressão significativa do jeito de ser e viver da vida cristã. Assim sendo, a paróquia "não pode ser uma superestrutura formal e vazia, mas deve ser um todo orgânico que envolva os diversos aspectos da vida" (CNBB 100, n. 138). Para viver conforme a inspiração neotestamentária, é necessário que a paróquia seja uma instituição repleta de vida comunitária. Como antítese desse espírito, vale lembrar que a grande ameaça de todo processo formativo de vida comunitária é, sobretudo, a centralização. Numa paróquia de vida comunitária que se partilha, o processo que se busca verdadeiramente desenvolver exige a participação de todos os que se organizam. Por isso, ações centralizadoras são incompatíveis com o ideal de vida cristã, que não se pauta pelo exercício do poder, mas pelo serviço. O desejo desenfreado de poder pode adentrar o processo de aprendizagem. E, aliado a ele, o desejo de revitalizar antigas estruturas e práticas que não correspondem nem à Igreja do Concílio Vaticano II, nem à sociedade contemporânea.

No Documento Preparatório Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão, lemos:

> A sinodalidade representa a via mestra para a Igreja, chamada a renovar-se sob a ação do Espírito e graças à escuta da Palavra. A capacidade de imaginar um futuro diferente para a Igreja e para as suas instituições, à altura da missão recebida, depende em grande medida da escolha de encetar processos de escuta, diálogo e discernimento comunitário, em que todos e cada um possam participar e contribuir. Ao mesmo tempo, a escolha de "caminhar juntos" constitui um sinal profético para uma família humana que tem necessidade de um projeto comum, apto a perseguir o bem

[3] "[...] o que faz a paróquia ser comunidade de comunidades é o pluralismo comunional, isto é, a riqueza da diversidade na comum-unidade. Glocalização, aplicado ao eclesiológico, é a necessária valorização e promoção das comunidades, dos sujeitos eclesiais, as quais a partir da sadia relação de pertença e comunhão na diversidade, formam uma única comunidade de fé; por isso, comunidade de comunidades" (Reinert, 2020, p. 21, grifo do autor).

> de todos. Uma Igreja capaz de comunhão e de fraternidade, de participação e de subsidiariedade, em fidelidade ao que anuncia, poderá colocar-se ao lado dos pobres e dos últimos, emprestando-lhes a própria voz. Para "caminhar juntos", é necessário que nos deixemos educar pelo Espírito para uma mentalidade verdadeiramente sinodal (Sínodo dos Bispos, 2021, n. 9).

"Ouvir", "dialogar", "discernir", "participar", "caminhar juntos" expressam condições para um bom exercício de poder-serviço, que somente são possíveis numa experiência de comunidade, onde o associar-se fortalece laços de confiança geradores de uma sociedade mais coesa quanto à defesa de seus interesses pela vida. Uma comunidade religiosa, sabemos, é uma comunidade de sentido. Uma vida paroquial não é mais um situar-se, como já dito, territorialmente e, com isso, sentir-se de um lugar demarcado e, assim, pertencendo. Pertencer a uma comunidade eclesial deveria ser como estar em uma roda de ciranda: juntos, num olhar face a face e de mãos dadas. A ciranda é a forma na qual o espírito da sinodalidade se encarna. A circularidade adensa a vida participando, sem que as mãos se soltem. Esse é o poder da sinodalidade: ninguém, em uma experiência de mãos dadas, se impõe ao outro, mas é levado a fazer e a refletir, justamente porque se está junto. Foi esta a atitude que Jesus sempre teve na vida: fazer o outro participar (Mc 4,33). E não só. Jesus inicia um novo modo de convivência em que a interação e a horizontalidade na relação entre os sujeitos constroem, de fato, a vida humana (Mc 10,42-44).

Uma paróquia de ouvintes, dialógica e participativa é comunidade sinodal e de vocação profética nos campos da ética e da escatologia[4]. Uma comunidade cristã que tem clareza do que lhe é específico sabe o sentido de sua missão enquanto Igreja da qual ela é parte: evangelizar. E, quanto a isso, a consciência dos que são batizados, leigos e atuantes aprendeu que evangelizar é assumir esta vida em todas as suas dimensões,

[4] A escatologia funda-se no núcleo central da fé num Deus da Vida, cujo projeto salvífico se estende sobre toda a história humana até sua plena realização na eternidade. Tal projeto não é concebido pela fantasia humana, mas revelou-se na vida, morte e ressurreição de Jesus. Por isso, o dado escatológico fundamental é Jesus Cristo (Libânio; Bingermer, 1985, p. 15; 74).

não por oportunismo religioso, mas por vocação. O caminho dessa vocação é o caminho de Jesus, seu seguimento na perspectiva da construção do Reino, em seu sentido mais fundamental, que é a utopia escatológica. Esta, a partir do lugar e da ótica dos humilhados econômica e culturalmente. Isso requer falar de economia, de política, de trabalho, de relações de trabalho, de miséria, de violência, de liberdade e de esperança. Nesse sentido, como cidadãos, como cristãos e como Igreja, quando reunidos, devemos pensar nossa ação de modo global, procurando atingir o coração da vida, e isso implica, necessariamente, tocar os grandes problemas que incidem na maneira de ser e de viver no lugar em que moramos e atuamos.

O desafio para uma vida paroquial presente, continua sendo sem dúvida, o de todos que a ela pertencem, possam fazer experiência de grupo que oportunize, na vida cotidiana, "uma rede de amores entrecruzados, reunidos em função de um bem comum. Amando a comunidade, presta-se serviço a todos. Pois a existência humana é necessariamente comunitária. Quase todos os bens importantes são adquiridos comunitariamente" (Comblin, 2004, p. 200). O tempo de hoje pede novas formas de vida comunitária e que, o estar juntos como expressão de vida comum, não se sustenta mais ao ter como referência, modelos uniformes pensados tão somente, com o propósito de responder às necessidades de autoridades religiosas descontextualizadas, centradas em si mesmas e cheias de desamor.

A reflexão sobre a paróquia sinodal revela-se um exercício de teologia prática profundamente enraizado na filosofia do diálogo e na mística judaica. A citação de Martin Buber (1987, p. 34) de que "toda vida nasce de comunidades e aspira a comunidades" não é apenas um aforismo poético, mas o núcleo de uma antropologia relacional. Para Buber, a comunidade não é uma estrutura social entre outras, mas a própria expressão do "inter-humano" — aquilo que acontece entre os homens quando estes se encontram em relação autêntica, sem mediações utilitárias ou hierárquicas.

Nesse contexto, a paróquia como "comunidade de comunidades" (CNBB 100, n. 137) encontra em Buber um fundamento filosófico para sua vocação: não se trata de simplesmente agrupar fiéis em torno de um território ou de uma autoridade eclesial, mas de promover o que o autor chama de "comunialidade" — uma relação caracterizada pela imediaticidade (relação sem intermediários), pela integralidade (participação com a inteireza do ser) e pela ausência de finalidade utilitária em relação ao outro. Para Buber (1987), a comunidade concreta é a legítima união de uma pluralidade de pessoas que se relacionam em nome de Deus, da imediaticidade, da ajuda e da liderança. Nesse horizonte, a liderança não se exerce pelo poder, mas pelo serviço que emerge da própria relação.

A teologia de João Batista Libânio e Maria Clara Bingemer, por sua vez, ao tratar da escatologia cristã, complementa essa visão. A utopia escatológica não é um futuro distante, mas o horizonte que dá sentido à ação presente da comunidade: "o projeto salvífico se estende sobre toda a história humana até sua plena realização na eternidade", e esse projeto se revelou em Jesus Cristo. Portanto, a comunidade paroquial que caminha sinodalmente não apenas reflete uma estrutura eclesial, mas torna-se um sinal profético deste Reino. Ao assumir a perspectiva dos "humilhados econômica e culturalmente", a comunidade realiza a "utopia escatológica" que Libânio e Bingemer descrevem como o núcleo da fé num Deus da Vida.

Comblin, nessa mesma perspectiva, ao definir a comunidade como uma "rede de amores entrecruzados reunidos em função de um bem comum", reforça a ideia de que o bem comum é o produto da comunhão, e não uma abstração imposta de cima. O "seguimento de Jesus", para o autor, é caminhada que se faz em grupo, onde a existência humana, necessariamente comunitária, torna-se o lugar da salvação.

Assim, a sinodalidade paroquial, iluminada por Buber, Libânio e Comblin, revela-se como a encarnação prática de uma teologia que recusa o centralismo e o poder desmedido para abraçar a circularidade das

relações. A imagem da "ciranda", evocada acima, é a síntese perfeita da filosofia de Buber: nela, ninguém se impõe ao outro, pois todos são levados a fazer e refletir juntos. O poder, nesse contexto, é a força que emana do próprio vínculo comunitário, e não um atributo de uma função hierárquica.

3 Considerações finais

Portanto, face ao exposto reflexivo até o momento, concluímos que a proposta de uma paróquia sinodal não é uma inovação administrativa, mas um retorno às fontes antropológicas e teológicas que compreendem a comunidade como o fim e a fonte da vida em Cristo. A paróquia, assim, torna-se o espaço onde o "inter-humano" buberiano encontra o "Reino" escatológico, fazendo da escuta, do diálogo e do discernimento comunitário não apenas métodos, mas o próprio conteúdo da missão cristã.

Referências

BUBER, Martin. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

COMBLIN, José. *O caminho*: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Comunidade de comunidades*: uma nova paróquia. Brasília: CNBB, 2014. [Documento 100]

LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985. [Coleção Teologia e Libertação]

REINERT, João Fernandes. *Paróquia*: casa de iniciação e comunidade de sujeitos eclesiais. Petrópolis: Vozes, 2020.

SÍNODO DOS BISPOS. *Para uma Igreja sinodal*: comunhão, participação e missão: documento preparatório da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/preparatory-document/word_pdf/pt_prepa_sp.pdf. Acesso em: 8 out. 2026.